

## Referências recentes sobre língua inglesa, mídia e escola no contexto brasileiro<sup>1</sup>

(Recent references to the English language, media and  
schools in the Brazilian context)

TELMA GIMENEZ<sup>1</sup>  
Jucenir da Silva SERAFIM  
Michele Ribeiro SALLES  
Talitha ALONSO

### INTRODUÇÃO

A ascensão da língua inglesa ao status de *língua franca*, usada internacionalmente como meio de comunicação principalmente entre falantes não-nativos, tem trazido inúmeras implicações para seu ensino nas escolas. Frequentemente associada à melhoria de condições competitivas no mercado de trabalho, a língua inglesa atrai a atenção dos jornais e revistas de grande circulação no país, trazendo a visão da classe média sobre a importância de conhecê-la. São exemplos coberturas da revista *Veja* e jornais como *Folha de São Paulo*, que têm abordado,

---

<sup>1</sup> Texto produzido como parte das atividades do Projeto de pesquisa “Língua inglesa, sociedade e escola” (CPG/UEL 03138).

<sup>2</sup> Agradeço ao CNPq o apoio para desenvolvimento de pesquisas (Processo 300331/97-5).

## REFERÊNCIAS RECENTES

especialmente nos últimos dois anos, questões relativas a melhores condições para esse aprendizado e a importância dessa língua no mercado de trabalho.

Essa caracterização da língua estrangeira tem sido objeto de análise de pesquisadores interessados em estudar os efeitos dessas mensagens sobre as concepções de ensino/aprendizagem de professores. Embora sejam relativamente recentes as pesquisas nesta área, estas têm mostrado como os discursos da mídia veiculam mitos relacionados à eficácia ou não do ensino, e como essas concepções se tornam um termômetro para as escolhas de cursos de línguas e dos critérios de eficácia desse ensino. Essas imagens acabam também por invadir as salas de aula, nas metáforas e representações que os alunos trazem, e que, via de regra, acabam por direcionar os objetivos que professores estabelecem.

Nesse panorama torna-se fundamental disponibilizar visões alternativas que coloquem em xeque o discurso dominante. Assim, elaboramos esta bibliografia anotada, com uma seleção de trabalhos publicados recentemente no Brasil (a partir de 2001) a respeito dessas questões, com a finalidade de iniciar discussões sobre análises já realizadas e trabalhos a serem desenvolvidos. Os textos foram reunidos em dois grupos: um que trata da mídia e publicidade e outro que traz reflexões mais diretamente relacionadas à sala de aula.

## MÍDIA E PUBLICIDADE

1. CARMAGNANI, A.M. As escolas de línguas e o discurso publicitário: construindo o desejo da língua estrangeira. In: CARMAGNANI, A.M.; GRIGOLETTO, M. (orgs) *Inglês como língua estrangeira: identidade, práticas e textualidade*. São Paulo: Humanitas, FFLCH, USP, 2001, p.111-133.

Neste texto, a publicidade é entendida ”como mais um aparelho ideológico que garante a existência material da ideologia”. Sob esta perspectiva, a autora adota como foco principal a análise do discurso publicitário das escolas de línguas, partindo da hipótese de que os sentidos produzidos por esses textos contribuem/ reforçam os efeitos ideológicos causados por outros textos veiculados pela mídia sobre aprendizagem de línguas, mercado de trabalho e globalização. Analisa o gênero discurso publicitário estabelecendo parâmetros que contribuem para a apreensão dos sentidos produzidos por este tipo de texto em nosso contexto social. Em síntese a autora conclui que há um mercado promissor para a aprendizagem de língua inglesa e que as reportagens da mídia confirmam visões que já fazem parte da memória discursiva do brasileiro. Afirma, ainda, que os textos divulgados pela mídia corroboram a posição dos institutos de línguas e vice-versa, transmitindo a idéia de que “todos concordam sobre o assunto”.

O texto de Carmagnani traz considerações relevantes para professores e alunos. No caso dos primeiros, ao apontar as relações entre diferentes discursos na sociedade, permite uma reflexão mais crítica sobre o que ensinam. Quanto aos alunos, ao chamar atenção para fatores pouco abordados – como a caracterização da língua inglesa como mercadoria – alerta-os para a importância de se considerar as forças econômicas na construção de seu desejo de aprendizagem.

2. GIMENEZ, T. English language teaching and the challenges for citizenship and identity in the current century. *Acta Scientiarum*, Maringá, v.23, n.1, p.127-131, 2001.

A autora salienta que, apesar da língua inglesa ser incluída no currículo escolar como língua estrangeira, esta se caracteriza como *língua franca*, status esse reforçado pelo seu uso

## REFERÊNCIAS RECENTES

via comunicação internacional. Essa situação traz implicações para o modo como a língua inglesa é ensinada em pelo menos dois aspectos: identidade cultural e cidadania planetária. Ao analisar duas propagandas de escolas de inglês a autora discute esses dois aspectos.

As questões culturais vinculadas ao inglês se tornam mais complexas, uma vez que esta é considerada uma língua internacional. Assim, não parece fazer sentido eleger festas típicas dos Estados Unidos, por exemplo, pois uma língua internacional não teria pátria. Segundo a autora, seria equivocado celebrar o Halloween, já que isto traria a mensagem de que o inglês pertence aos norte-americanos ou que a cultura da língua inglesa está atrelada aquele país. Segundo a autora, para aprender uma outra língua não é preciso adotar a identidade do Outro que, no caso do inglês, torna-se difícil de determinar, dada a impossibilidade de atrelá-la a uma determinada nacionalidade.

Muitas das escolas de língua inglesa apresentam o idioma como uma maneira de conquistar bens materiais, como uma forma de abrir portas para vantagens financeiras. Ao invés disto, o Inglês poderia ser visto como um instrumento de solidariedade e mobilização globais, através de ações individuais ou de instituições da sociedade civil, fortalecendo o sentido de uma cidadania mundial.

O texto pode contribuir no sentido de alertar para a possibilidade de se analisar as propagandas das escolas de idiomas como forma de identificar os sentidos percebidos como valorizados pela sociedade em determinado momento histórico.

3. POUZA, S.S. Mídia escrita e concepções de ensino/aprendizagem de inglês como língua estrangeira. *Contexturas*, Indaiatuba, n.5, p.127-152, 2000/2001.

O objetivo principal deste texto é a discussão da alguns

mitos, i.e. “coisa inacreditável”, “sem realidade”, sobre concepções de ensino/ aprendizagem de inglês como língua estrangeira veiculados pela mídia escrita. Partindo deste pressuposto, é feita uma análise dessas concepções com base em jornais e revistas<sup>3</sup> e as propagandas de instituições educacionais privadas. O autor teve como foco de análise: a) como os discursos da mídia escrita veiculam alguns mitos relacionados à eficácia – ou não – do ensino aprendizagem de uma língua estrangeira; b) como a estabilização dessas concepções, a partir da incorporação dos mitos em determinada comunidade, torna-se primordial para as escolhas de cursos das línguas.

O estudo é dividido em três partes. Na primeira parte o objetivo é identificar algumas estratégias discursivas utilizadas pela mídia escrita, que visam dar autenticidade ao fato, através de dispositivos discursivos socialmente autorizados. A segunda parte procura trazer reflexões sobre como a modalidade midiática em questão representa algumas concepções de ensino – aprendizagem do inglês como língua estrangeira. Finalmente, a última parte traz argumentos acerca de algumas consequências dessas interpretações/representações no contexto de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras. A partir dessas premissas, o primeiro aspecto relevante diz respeito à questão da verdade e de suas implicações no campo de ensino – aprendizagem de língua estrangeira, principalmente da língua inglesa. O autor procurou destacar em seu texto a idéia de que o que importa para as agências midiáticas é menos o caráter de verdade das informações veiculadas e mais a criação de formas coer-

---

<sup>3</sup> As revistas e jornais selecionados foram coletados no período de Janeiro de 1997 a Agosto de 2001. Algumas fontes: jornal escola Agora, Jornal da Apeoesp, Newsweek – the International Magazine, Folha de São Paulo, Revista Veja, entre outros.

## REFERÊNCIAS RECENTES

civas. Estas pretendem, através de aparente neutralidade dos discursos, mostrar a forma ideal e eficaz de aprender inglês, além do perfil mais adequado para o professor de inglês. Tais idéias promovem o enfoque do inglês como um produto de primeira necessidade, já que quem o domina pode “devorar” e conquistar o mundo.

Como resultado desta análise, chega-se à conclusão de que é necessário estarmos alertas para a proliferação de imagens que provocam desejos de consumo de cursos, métodos, metodologias e concepções de ensino/ aprendizagem da língua inglesa que podem ocultar o papel social desse ensino/ aprendizagem.

O texto de Pouza nos fornece subsídios para exercício de maior criticidade em relação aos discursos publicitários que permeiam a mídia escrita e as concepções de ensino/aprendizagem de inglês como língua estrangeira, nos ajudando a não perder de vista o papel social do ensino-aprendizagem de Inglês e a nossa função social como educadores. Através desse texto pudemos perceber os efeitos ideológicos estruturados através do discurso e os efeitos de sentido que estes podem provocar tanto na concepção da forma ideal de ensinar/aprender inglês como no perfil mais adequado do professor de inglês.

## ENSINO NAS ESCOLAS

1. OLIVEIRA, E. Reflexões sobre o ensino de inglês como língua estrangeira. Professores de inglês em curso. *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, Campinas, v.39, p.69-79, 2002.

Neste trabalho Oliveira reporta os resultados obtidos em um curso de extensão oferecido no IEL/UNICAMP durante o primeiro semestre de 2002 com o título “Reflexões sobre o en-

sino de inglês como língua estrangeira”, que tinha por objetivo desenvolver discussões em torno das políticas que embasam o ensino de inglês realizado nas escolas de educação básica. Os participantes foram trinta professores da rede pública de Campinas e cidades vizinhas. Durante o curso foram levantadas questões como: O que achavam do ensino de inglês quando estudavam e agora que ensinam? Para quem é importante que se ensine inglês? Quem julga necessário que os alunos de escola pública, ou não, saibam inglês?

A análise das respostas teve como fundamentação teórica estudos de Análise de Discurso de linha francesa. Segundo o autor, a partir do discurso de uma professora, o ensino de inglês em escolas públicas é anormal e o padrão é o ensino realizado pelos institutos de línguas, o que mostra que a relação que a professora tem como o ensino de inglês em cursos privados é tão forte que ela o concebe como o natural, normal, o padrão.

O autor expõe que a maioria dos alunos de escolas públicas não tem muitas oportunidades de fugir do fracasso, pois os pais não participam da escola e o Estado não pode se responsabilizar pela qualidade. De acordo com a professora, os alunos não têm interesse em aprender, o que poderia levá-los ao fracasso escolar.

Apesar de os professores verem condições do aluno aprender inglês na escola pública, com a condição de que ele estude em casa, o discurso cai em contradição quando a professora expõe seu pensamento sobre os cursos privados.

Os professores de inglês de escolas públicas são influenciados pelos discursos veiculados pela mídia, um “veículo discursivo” utilizado pelas escolas de iniciativa privada para a construção da imagem de seus métodos e professores tendo como recurso a negação da qualidade da escola pública.

Ao identificar contradições nas falas dos professores, o

## REFERÊNCIAS RECENTES

autor sugere que há espaços para re-significação do ensino de inglês em escolas públicas. Para ele, é fundamental que nos cursos de formação os participantes sejam levados a refletir sobre as políticas e ideologias que permeiam o ensino de língua estrangeira.

O texto traz à tona a situação do ensino de línguas estrangeiras em escolas públicas, que já está defasado há algum tempo. Põe em evidência que os professores de escolas públicas são influenciados pelos institutos de línguas que utilizam a mídia para autopromoção de seus cursos e métodos de maneira tão massiva que chega a afetar os professores. Estes, perante tantas dificuldades, acabam acreditando que não se ensina inglês na escola pública.

2. OLIVEIRA, E.; MOTA, I.O. Ensino de língua inglesa na educação básica: entre a qualidade dos cursos de idioma de iniciativa privada e o silenciamento das escolas públicas estaduais paulistas. *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, Campinas, v.42, p.125-134, 2003.

Oliveira e Mota (2003) abordam o processo das formações imaginárias dos alunos e professores da escola pública, por meio da análise de uma proposta de um instituto de língua a uma escola pública para ministrar aulas de modo terceirizado. Eles estudam os efeitos de sentidos que os enunciados da proposta causam nos envolvidos do ensino e aprendizagem da língua inglesa.

Em tal proposta, um instituto de línguas afirma que é possível aprender a falar inglês se divertindo, com professores animados, recursos tecnológicos, salas amplas, número de alunos reduzido e corpo docente capacitado. Segundo os autores, ao afirmar tais fatos, a propaganda da escola recria mitos, concepções e re-significa o ensino naquele contexto, pois alu-



nos e professores podem acreditar que realmente não se ensina inglês nas escolas públicas e que o professor não sabe ensinar.

O instituto de línguas promove o discurso de que é possível aprender inglês se divertindo, deixando entrever que nas escolas públicas não se aprende “brincando” ou, em suma, não se aprende. O texto mostra o silenciamento da escola pública perante o discurso do instituto de línguas, que afirma que seus professores são bem qualificados e conta com recursos tecnológicos no ensino da língua inglesa.

3. GIMENEZ, T., PERIN, J.O.R.; SOUZA, M.M. Ensino de inglês em escolas públicas: o que pensam pais, alunos e profissionais da educação. *Signum*, Londrina, v.6, n.1, p.167-182, 2003.

Neste trabalho as autoras apresentam resultados de pesquisas realizadas em micro-regiões de cidade como Londrina e Maringá, no Estado do Paraná. Utilizando a aplicação de questionários e entrevistas com pais, alunos e profissionais da educação foram obtidas informações de cunho econômico, social e cultural dos alunos. A visão do ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras por pais e alunos está atrelada ao pensamento de que o ensino de línguas deve ser focado na compreensão oral e na fala. Pais e alunos acreditam que se aprende inglês quando se estabelece uma comunicação no idioma através da oralidade; porém os professores em suas aulas enfatizavam a leitura e a escrita. Deste modo, parece haver uma discrepância entre o que professores consideram importante ensinar e o que pais e alunos valorizam. Ao reconhecerem a importância do inglês nos dias atuais os alunos o vêem de uma maneira instrumental, uma língua que abre caminhos na busca de emprego e status na sociedade. Paradoxalmente, porém, parecem não acreditar que se possa aprendê-la na escola pública.

## REFERÊNCIAS RECENTES

Por outro lado, um estudo etnográfico mais detalhado revelou que, diante de dificuldades como indisciplina, menosprezo e outras fora da sala (como a falta de incentivos tanto profissional quanto financeiro) fazem com que o professor se sinta desmotivado, levando a um círculo vicioso de percepção de fracasso por parte do aluno que leva à sensação semelhante por parte do próprio professor.

O texto alerta para a necessidade de se reconceituar a desmotivação como falta de consenso e negociação nos objetivos da aprendizagem. Os motivos para ensino e aprendizagem precisam ser explicitados, para que as ações pedagógicas adquiram maior significação.

4. MOITA LOPES, L.P. A nova ordem mundial, os parâmetros curriculares nacionais e o ensino de inglês no Brasil: a base intelectual para uma ação política. In: BARBARA, L. e RAMOS, R. *Reflexões e Ações no Ensino-aprendizagem de Línguas*. Homenagem a Antonieta Celani. Campinas: Mercado de Letras. 2003.

O autor faz uma ligação da nova ordem mundial, que surgiu na Guerra Fria, com o capitalismo globalizado no qual vivemos hoje. Ele trata das mudanças que a sociedade vem sofrendo e avanços tecnológicos em um país que ainda não garantiu às pessoas as conquistas do mundo industrializado. Essas mudanças trazem implicações para o ensino de inglês, uma vez que professores de línguas, por trabalharem com a linguagem, estão inevitavelmente envolvidos com a vida política e social. No caso do professor de inglês, essas vinculações se ligam a seis aspectos:

1. Ao modo como os discursos circulam, sobre como “regimes de verdade” são constituídos através deles, como os discursos de propaganda colonizam outros discursos, sobre o

papel do discurso na constituição de identidades sociais, sobre a possibilidade de “participar da luta política via discurso”, sobre a natureza contingente dos discursos;

2. Os discursos que circulam internacionalmente são veiculados em inglês;

3. Esses discursos criam necessidades a partir dos interesses das grandes corporações que são rapidamente disseminados pelo mundo afora;

4. O letramento computacional em inglês é fundamental na vida contemporânea

5. Esse tipo de letramento leva ao trabalho em rede que exige habilidades de trabalho com outros e busca de informações;

6. O conhecimento de inglês possibilita a participação em práticas discursivas variadas com pessoas de diferentes partes do mundo que podem levar à constituição de novas identidades sociais.

Para o autor o desafio é como dar acesso a esses discursos e ao mesmo tempo construir um discurso contra-hegemônico. Os PCNs responderiam a esta questão em três aspectos: a) ao propor o engajamento discursivo do aluno, b) ao desenvolver consciência crítica de linguagem e c) ao tratar dos temas transversais.

Após explicar cada um desses aspectos, Moita Lopes exemplifica a abordagem dos temas transversais com uma atividade de leitura para explorar como a sexualidade é construída em 4 revistas de 3 países (Itália, Estados Unidos e Brasil).

De acordo com o autor, as questões de globalização e vida cotidiana, o discurso na contemporaneidade, o papel do inglês no momento atual, a necessidade de práticas anti-hegemônicas com base em princípios éticos, são centrais na educação em língua inglesa hoje e os PCNs de língua estrangeira

## REFERÊNCIAS RECENTES

podem colaborar para a construção de ações pedagógicas nessa direção.

5. JORDÃO, C.M. A Língua inglesa como “commodity”: Direito ou obrigação de todos? In: ROMANOWSKI, J.P.; MARTINS, P.L.O., JUNQUEIRA, S.R.A. (orgs) *Conhecimento local e conhecimento universal: a aula e os campos de conhecimento*. v.3. Curitiba, Champagnat, 2004

A autora inicia o texto falando sobre os efeitos do mercado em tempos de globalização. Prossegue dizendo ainda acreditar parecer possível conceder à educação um estatuto diferenciado daquele de produto regulável pelo mercado, e acredita ainda que isso seja desejável, e teme que, caso isso não aconteça, a educação venha a afogar-se nos processos mercadológicos de compra e venda de resultados imediatos, quantificáveis e redutíveis a padrões universais de qualidade.

A autora propõe discutir a questão das línguas estrangeiras modernas como espaço de inserção/exclusão dos indivíduos na sociedade globalizada. Ao tratar da língua inglesa nos tempos atuais faz menção ao lingüista Braj B. Kachru, que vem discutindo amplamente a posição da língua inglesa como um “espaço contestado que suscita diferentes reações: ao mesmo tempo em que tal posição provoca suspeita, por um lado, suscita admiração e cobiça e por outro lado, tornando-se para muitos um objeto de desejo, uma commodity”. Conclui afirmando que a “língua inglesa é hoje utilizada como língua estrangeira por um número de pessoas maior do que aqueles que utilizam como primeira língua, o que lhe confere características diferenciadas em relação às outras línguas estrangeiras”.

Jordão dá continuidade a essa discussão, embasada no lingüista acima citado, e finaliza argumentando que a utilização da língua inglesa entre povos de diferentes línguas deve ocorrer

com a finalidade de levar as pessoas a se comunicarem umas com as outras e de elaborar suas identidades, confrontando procedimentos interpretativos culturalmente diferentes e transformando-se no processo.

6. MOITA LOPES, L.P. Ensino de Inglês Como Espaço de Embates Culturais e de Políticas da Diferença. In: JORDÃO, C., GIMENEZ, T. & ANDREOTTI, V. (orgs). *Perspectivas educacionais e o ensino de inglês na escola pública*. Pelotas: Educat, 2005.

Moita Lopes tem como objetivo desconstruir o pressuposto de que ensinar uma língua estrangeira é igual ensinar a cultura daquela LE. Segundo o autor, essa idéia tradicional sobre o “ensino da cultura” de uma LE tem se pautado por uma visão objetivista e homogênea. Nessa concepção, o aluno tem que assimilar um pacote de essência cultural que pode representar os usuários de uma língua, como por exemplo “os ingleses tomam chá as 5” ou “os ingleses são muito educados”. Entretanto, considerando que as práticas discursivas em uma língua são multiculturais, principalmente agora, com o uso ampliado da Internet, TVs e tecnologias em geral, fica difícil especificar o que seria exatamente a cultura de uma LE, “*especificamente a do inglês, pois é usado cotidianamente, por pessoas em práticas discursivo-culturais múltiplas e variadas e que representa um papel na contemporaneidade como a língua da globalização devido ao poder do capitalismo americano nesse processo*”.

Essa visão de um mundo monocultural em língua inglesa (são geralmente os valores da classe média americana que aparecem nos livros didáticos) raramente é desafiada. No entanto, ele acredita que é preciso re-descrever esse sujeito da linguagem e da educação. Assim, uma das tarefas centrais da

## REFERÊNCIAS RECENTES

contemporaneidade e para qual as aulas de língua, especificamente as de inglês, podem colaborar, é exatamente na re-descrição de práticas de desigualdade ou na construção de quem somos em outras bases ao mostrar como somos multiculturais. Ele afirma que as aulas de inglês seriam o melhor lugar para embates culturais e de política da diferença, pois, além de possibilitarem a tematização do mundo multicultural construído em outra língua, possibilitam também o aluno a pensar as suas próprias práticas culturais ao compará-las com aquelas vividas na LE. Em suma, o autor sugere que devemos aprender a nos olhar nos embates culturais para entendermos as práticas culturais que os outros vivem. Para ele, talvez o ensino de inglês seja essencial nessa tarefa devido aos vários espaços de diferença que possibilita, ao nos oferecer uma profusão de outros discursos em que podemos operar.

As questões levantadas pelo autor no presente artigo são de grande relevância para a formação de professores de línguas estrangeiras, pois há a necessidade de se re-definir a questão do ensino de LE nas escolas. Há um grande descompasso entre “para quê”, “por quê” e “como” ensinar LE. O conceito multicultural ainda está longe de ser uma prática efetiva das salas de aulas, e o “círculo vicioso” que se tem ao formar professores sem conscientização da função social e de um sujeito inserido nesse meio gera cada vez mais e mais aulas onde a monocultura prevalece.

6. RAJAGOPALAN, K. O Grande Desafio: Aprender a Dominar a Língua Inglesa Sem Ser Dominado / A Por Ela. In: JORDÃO, C., GIMENEZ, T. & ANDREOTTI, V. (orgs). *Perspectivas educacionais e o ensino de inglês na escola pública*. Pelotas: Educat, 2005.

Rajagopalan inicia seu texto dizendo que a língua inglesa é hoje um instrumento de dominação, pois vários povos estão sendo colonizados mentalmente em nome da globalização e do acesso universal à língua inglesa. Sendo assim, seu artigo tem o objetivo de advogar que sejam propostas práticas pedagógicas no ensino de inglês que respeitem os valores culturais dos aprendizes.

O autor reflete sobre o papel da língua inglesa nos dias de hoje, as implicações de se ensinar essa língua em países em desenvolvimento e de que forma podemos nos proteger dos efeitos negativos da monocromatização das culturas e do desinteresse em relação à perda de valores culturais por povos ao redor do mundo.

De acordo o autor, a maneira de ensinar os alunos a “dominar a língua inglesa sem ser dominado por ela” está representado na palavra “EMPOWERMENT”, pois o objetivo do ensino da língua estrangeira deve ser o fortalecimento do aluno e não o seu enfraquecimento. Ela deve ampliar, alargar a visão cultural do aluno, e nunca substituí-la. Salienta ainda, que a língua inglesa precisa passar a ser ensinada com o intuito de formar cidadãos do mundo capazes de enfrentar os novos desafios atualmente colocados em seu caminho.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este levantamento preliminar de bibliografia recente na área de ensino de inglês no Brasil revelou que concepções a respeito dessa língua estrangeira precisam ser analisadas por todos envolvidos no sistema educacional, como forma de se contrapor a visões predominantes que colocam a inexorabilidade e o caráter hegemônico de práticas adotadas pelo setor privado.

## REFERÊNCIAS RECENTES

Os textos elencados nos permitem verificar o status diferenciado adquirido pela língua inglesa nos últimos tempos, o que traz a necessidade de se repensar o modo como esta vem sendo ensinada nas escolas cada vez mais permeáveis aos sentidos produzidos pela mídia com reverberações por todos os estratos sociais.

*Recebido:* Maio de 2005.

*Aceito:* Maio de 2005.

*Endereço para correspondência:*

Telma Nunes GIMENEZ  
Universidade Estadual de Londrina  
Centro de Letras e Ciências Humanas  
Departamento de Letras Estrangeiras Modernas – UEL  
Campus Universitário  
86051-990, Londrina, PR  
telmag@rantac.net